

A desqualificação do adversário como estratégia textual de atualização da polêmica em comentários de uma *charge* de Clayton publicados no *Instagram O Povo On-line*

The disqualification of the adversary as a textual strategy to update the polemic in comments on a Clayton's cartoon published on Instagram O Povo On-line

Hidalicy de Brito Souza¹

Resumo: O presente trabalho objetiva investigar de que modo a desqualificação do adversário funciona como estratégia de atualização da polêmica através de processos intertextuais. Para tanto, a investigação toma por base de estudo a interface teórica e metodológica traçada entre a Teoria da Argumentação no Discurso – TAD (AMOSSY, 2017; 2018) e a Linguística Textual - LT (MACEDO, 2018; CAVALCANTE *et al.*, 2020). Metodologicamente, a pesquisa apresenta como *corpus* de análise um conjunto de comentários referentes a uma *charge* de Clayton, publicados na página oficial do *Instagram O Povo Online* em outubro de 2020. Do ponto de vista analítico, os resultados permitem perceber que o argumento *ad hominem* (FIORIN, 2015) foi acionado através de alusão ampla (CARVALHO, 2018) para reverberar polêmicas no espaço público de comentários do Instagram. Concluímos ainda, que esses fenômenos reforçam o caráter intertextual, interativo e efêmero da atualização da polêmica, proposto por Brito (2018).

Palavras-chave: Atualização Polêmica. Desqualificação do adversário. Intertextualidades.

Abstract: This paper aims to investigate how the disqualification of the opponent works as a strategy to update the polemic through intertextual processes. To this end, the research takes as its study basis the theoretical and methodological interface drawn between the Theory of Argumentation in Discourse - TAD (AMOSSY, 2017; 2018) and Textual Linguistics - LT (MACEDO, 2018; CAVALCANTE *et al.*, 2020). Methodologically, the research presents as corpus of analysis a set of comments referring to a Clayton's charge, published on the official Instagram page O Povo Online in October 2020. From the analytical point of view, the results allow us to realize that the argument *ad hominem* (FIORIN, 2015) was triggered through broad allusion (CARVALHO, 2018) to reverberate polemics in the public space of Instagram comments. We further conclude, that these phenomena reinforce the intertextual, interactive and ephemeral character of the polemic update, proposed by Brito (2018).

Keywords: Polemical Update. Disqualification of the adversary. Intertextualities.

Introdução

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Letras – língua portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), hidalicybrito@gmail.com; bolsista de IC/FUNCAP.

Este trabalho surge como resultado do projeto de iniciação científica intitulado “A modalidade argumentativa polêmica: interações nas novas tecnologias digitais” (BICT/FUNCAP²), em que aprofundamos os estudos empreendidos pelo Grupo de Estudos em Linguística Textual (GELT), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em contribuição com as investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa PROTEXTO, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Nossa pesquisa foi realizada à luz das contribuições que estes dois grupos de estudos fornecem, com base num diálogo interdisciplinar, teórico e metodológico, entre a Teoria da Argumentação no Discurso³ e a Linguística Textual⁴. Por esse enquadre contextual, assumimos que a argumentação é constitutiva de todo discurso, mas é no texto que ela se efetiva, mobilizando, para isso, as categorias de análise textual, como por exemplo, os processos referenciais e intertextuais. Ademais, buscamos reforçar os pressupostos de Brito (2018), segundo os quais, a atualização da polêmica possui caráter intertextual, interativo e efêmero⁵.

Sendo a polêmica uma modalidade argumentativa que possui má reputação em virtude do que, paradoxalmente, lhe é atrativo, isto é, um discurso tomado de paixão⁶ que desperta a atenção pelo espetáculo da ridicularização e da violência verbal (AMOSSY, 2017), nosso interesse central objetiva mostrar de que forma a desqualificação do adversário, por meio do argumento *ad hominem*, pode ser evidenciada por estratégias de textualização, especificamente, a alusão ampla, para que atestem a reverberação de polêmicas no espaço público. Utilizamos como categorias analíticas, as noções de argumento *Ad Hominem* de Fiorin (2015) e as Intertextualidades amplas e estritas de Carvalho (2018).

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica – BICT – da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico – FUNCAP.

³ A TAD de Ruth Amossy (2017, 2018) assume como pressuposto que todo discurso busca influenciar os modos de ver e sentir do outro, tomando a argumentação como inerente ao funcionamento discursivo.

⁴ A LT entende, assim como a TAD, que a argumentação é constitutiva de todo texto e busca aliar seus critérios de análise, baseada nos postulados de Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2020), para “desvelar a orientação argumentativa e os embates discursivos nos textos” (BRITO E BARROS, a sair).

⁵ Intertextual, pois é apenas no diálogo entre textos diversos, que se pode visualizar a polarização social entre questões controversas, através da reconstrução de posicionamentos distintos manifestados nesse conjunto textual. Interativo, porque somente a partir da encenação dos atores sociais (que assumem os papéis de Proponente, Oponente e Terceiro) no espaço público é que são revelados os três aspectos definidores da polêmica postulados por Amossy (2017): a dicotomização de teses, a polarização social e a desqualificação do adversário. Efêmera, tendo em vista que depois que a polêmica eclode, os actantes deixam de interagir e ela esfria, mas rapidamente é atualizada no embate discursivo.

⁶Referente às emoções.

A título de recorte metodológico⁷, direcionamos nossas análises para um conjunto de comentários⁸ e uma *charge* de Clayton publicados na página oficial do Instagram O Povo Online em outubro de 2020. No que se refere ao recorte temático, por sua vez, as polêmicas sobre as quais focamos nossos esforços de observação dizem respeito: ao uso da Cloroquina no tratamento de *Covid-19* no Brasil apoiado por Jair Bolsonaro e aliados; ao discurso que circula na rede sobre o eleitor de Bolsonaro ser gado; e ao envolvimento de Michele Bolsonaro em uma suspeita transação financeira com Fabrício Queiroz e sua esposa, Márcia Queiroz.

A fim de cumprir com a proposta investigativa mencionada, o presente artigo foi organizado em quatro momentos principais. À princípio, discorremos sobre a interface teórica e metodológica entre a Teoria da Argumentação no Discurso, TAD, de Amossy (2017, 2018), e a Linguística Textual, LT, com base nos postulados de Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2020), atentando para os pontos essenciais de cada abordagem. Em seguida, discutimos acerca da Modalidade argumentativa Polêmica, seção na qual situamos nossa pesquisa, destacando breves apontamentos sobre o argumento *Ad Hominem* (FIORIN, 2015) e os diferentes modos de atualização polêmica (BRITO, 2018). Posteriormente, na seção seguinte, tercemos algumas considerações sobre a proposta das Intertextualidades amplas e estritas (CARVALHO, 2018). E, por fim, apresentamos as nossas análises.

2 Uma proposta interdisciplinar de estudo entre a Teoria da Argumentação no Discurso e a Linguística Textual

Neste tópico, explicaremos brevemente em que consiste o diálogo interdisciplinar entre TAD e LT, proposto por Macedo (2018). Basear-nos-emos na recente obra de Cavalcante *et al.* (2020), intitulada “Linguística Textual e Argumentação”⁹. Reforçamos, de acordo com os autores, que

[...] o estabelecimento de uma interface não corresponde a uma relação parasitária entre as disciplinas; isso implicaria na anulação de uma em função da outra. O diálogo pretende ser simbiótico, retroalimentar, de modo que a LT possa tanto

⁷ Além desses, utilizaremos, como base de análise, outros textos que são retomados pelo diálogo intertextual.

⁸ Sob a perspectiva de Cavalcante *et al.* (2020), julgamos que os comentários façam parte de um compósito de gêneros, nos quais emergem de publicações diversas, como *charges* e notícias.

⁹ Neste livro aborda-se “a correlação entre a dimensão argumentativa e a sua complexa organização textual”, a partir de algumas pesquisas recentes do grupo Protexito da UFC. Tomam-se os pressupostos que a argumentação é constitutiva do discurso (AMOSSY, 2017) e que só é possível argumentar por meio dos gêneros discursivos (PINTO, 2010; 2017).

acomodar traços teóricos e metodológicos da TAD quanto contribuir, com seus parâmetros de análise, para o estudo da argumentação no discurso, e vice-versa. (Ibidem, p.23)

Para melhor discorrer sobre essa proposta, fundamentamo-nos, assim como os autores supracitados, em pontuar, primeiramente, como se constitui a TAD e traçar suas diferenças teóricas e metodológicas em relação à LT.

A TAD se distingue essencialmente das demais teorias da argumentação, em especial, dos antigos tratados da Retórica Clássica e da Nova Retórica¹⁰, pois amplia o conceito de argumentação anteriormente pleiteado como “[...] provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.4 *apud* CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.30) e a compreende como a “tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p.130 *apud* CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.30). Considera-se, assim, que embora “nem todo discurso busque levar seu auditório à adesão de uma tese”, sendo concebido como discurso de visada argumentativa¹¹, os discursos de forma geral tendem “a orientar os modos de ver, de pensar e de sentir dos interlocutores”, sendo, portanto, discurso de dimensão argumentativa¹² (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.30).

Considerando esse *continuum* de argumentatividade, defende-se que não existem discursos não argumentativos, e sim diferentes formas de demonstrar a argumentação no funcionamento discursivo. Para tanto, Amossy apresentou as modalidades argumentativas ou modos de argumentatividade¹³, nas quais se encontra a polêmica, modalidade sobre a qual nos debruçamos neste trabalho. Todavia, não é intenção da autora que essa classificação permaneça engessada, mas que funcione como uma espécie de base para novas possibilidades investigativas.

¹⁰“A abordagem denominada Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD), proposta pela analista do discurso Ruth Amossy, consiste na redefinição da retórica como um ramo da Análise de Discurso francesa (AD), resultante da articulação entre esta disciplina e as retóricas clássica e nova”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.24)

¹¹No discurso de visada argumentativa, “há estratégia programada de persuasão, pois o objetivo do locutor ao produzir um texto que comporte essa visada é levar o interlocutor a aderir à sua opinião ou tese sobre o tema debatido. Os gêneros considerados como tipicamente argumentativos, tais como o artigo de opinião, a ação judicial, a carta aberta, o debate eleitoral, entre outros, contêm uma visada argumentativa, porque, de maneira expressa e programada, buscam arregimentar adeptos da opinião defendida no texto”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.30)

¹²Neste caso, Amossy definiu por discursos de “dimensão argumentativa”, considerando que esta é uma situação muito mais ampla, a qual “requer tão somente que um ponto de vista se manifeste sob o fundo de posições antagônicas ou divergentes, que não precisam ser expressamente formuladas, porque toda enunciação pressupõe, como já o dissemos, a existência de um já dito ao qual ela responde”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.31)

¹³ As modalidades argumentativas: modalidade demonstrativa, modalidade patêmica, modalidade pedagógica, modalidade de coconstrução, modalidade negociada e modalidade polêmica.

A LT e o trabalho aqui empreendido, porém, assumem os pressupostos da TAD sempre considerando o texto como centro de suas investigações. Desse modo, entende-se que “todo texto é, em última instância, argumentativo, pois ele sempre acontece como resposta a um já dito e como tentativa de influência sobre seu(s) interlocutore(s)” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.41). Essa distinção também se aplica aos diferentes discursos de visada e dimensão argumentativa¹⁴.

Sobre isso, é importante destacar que embora as disciplinas da Análise do Discurso, como salientam Cavalcante *et al.* (2020), utilizem o texto como unidade de análise para compreender o discurso (por exemplo, as abordagens de Maingueneau e Pêcheux), existem dois aspectos no modo como o tratam que se diferem da LT¹⁵.

O primeiro é que na LT, o foco é “descrever e compreender as estratégias de textualização pelas quais os interlocutores evidenciam seus propósitos comunicativos” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.36), ao mesmo tempo em que a AD e a TAD se ocupam em “compreender como o linguístico e o social se constituem mutuamente a partir da materialização dessa relação em textos” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.37). Na LT, o texto é o objeto central de suas análises, já na TAD, o discurso é seu objeto de investigação principal, e ainda que se usem elementos extraídos da unidade textual (como itens lexicais, dêiticos e semas) é com o fim da “apreensão de um discurso e do interdiscurso no interior do qual emerge” (CAVALCANTE *et al.*, p.37).

O segundo aspecto diz respeito à conceitualização de texto. A TAD o compreende como sendo um “conjunto coerente de enunciados que formam um todo” e a textualização como o “desenvolvimento do texto comandado por ‘processos de ligação’” (AMOSSY, 2006, p.32 *apud* CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.37). Por esse prisma, a análise textual fica limitada ao estudo do cotexto, enquanto plano de materialização verbal (por exemplo, as marcas lexicais, morfossintáticas e morfossemânticas). Todavia, atualmente, a LT adota uma postura mais interdisciplinar, percebendo o texto uma como unidade negociada e contextualizada de sentidos que “é abstraída das relações dialogais e dialógicas e define seus limites, como *texto*, quando acontece como evento comunicativo único, irrepitível e conclusivo”

¹⁴ Para Amossy, esse *continuum* argumentativo no qual estão inseridas a visada e a dimensão argumentativa situam-se no nível do discurso. A LT, no entanto, que é a perspectiva assumida aqui, entende que essa diferença se expressa a nível textual. Assim, “Há textos nos quais o(s) locutor (es) apresenta (m) sua opinião/tese, contrapondo-se à tese oposta, e o faz por meio de argumentos, de um arrazoado que converge para o sustento da tese defendida. Trata-se, portanto, de textos com ‘visada argumentativa’. Os textos que não se organizam dessa forma comportam, tão somente, ‘dimensão argumentativa’”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.32)

¹⁵ Estes aspectos no modo como se trata o texto entre a AD de linha francesa, sobretudo de Maingueneau, e a LT residem na forma em que se pratica a LT no Brasil.

(CAVALCANTE, 2016, p.114). Essas convergências que se vislumbram entre TAD e LT podem figurar nas seguintes consequências metodológicas:

a) não mais considerar os sentidos como resultantes de um processamento cognitivo que exija a mobilização de conhecimentos estritamente linguísticos (o cotexto/a superfície textual não diz tudo; ela quase sempre manifesta evidências que servem como gatilho para o acionamento de conhecimentos de outras naturezas, como o enciclopédico, que não se manifestam explícita e integralmente na superfície, mas que participam da construção da coerência); b) no rastro da consequência anterior, considerar a unidade de sentidos como não sendo uma prerrogativa da língua, mas como resultante de uma negociação entre os parceiros da interação, o que coloca os pesquisadores da LT na condição de serem, antes de analistas de textos, leitores de textos; c) considerar o contexto como fator inseparável do cotexto, intrínseco a ele, pois é somente nessa imbricação que se pode apreender a negociação e a construção dos sentidos. Por isso, a LT situa-se metodologicamente entre pesquisas descritivas e pesquisas discursivas. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.38)

Apesar das distinções notórias, a Linguística Textual guarda interesses comuns à Teoria da Argumentação no Discurso, como “investigar e compreender a inscrição da argumentação, respectivamente, no texto e no discurso” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.38) e semelhantes no que tange à concepções e princípios sobre a argumentação, por exemplo, as noções de sujeito e argumentação.

Referente ao primeiro ponto, ainda que a TAD seja uma abordagem essencialmente discursiva, pois “relaciona, necessariamente, o uso da linguagem, materializado em textos, aos lugares sociais e às restrições institucionais que lhe imprimem força e legitimidade” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.39), é possível compreender a argumentação no seio do discurso por meio de textos, a partir do estabelecimento de uma interface com a LT.

Pensando nisso, consideramos necessário reiterar que esse diálogo interdisciplinar também permite “a busca de interpretação das marcas da negociação do *logos*, do *ethos* e do *pathos* nos textos” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.16-17), levando em conta que TAD e LT visam entender como a argumentação está presente, respectivamente, no texto e no discurso. Defendemos que esse tipo de investigação só é possível pela articulação de postulados retóricos e discursivos da TAD com categorias de análise da textualidade empregadas pela LT¹⁶.

Concernente ao segundo ponto, por sua vez, a LT assume uma visão muito semelhante à ideia de sujeito da TAD, que o concebe como “a um só tempo, constrangido por fatores sócio-históricos e estrategista” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.39). Nessa perspectiva, o sujeito nem é totalmente soberano, pois é determinado por forças institucionais, culturais,

¹⁶ Sobre isso, é importante ver a tese de Macedo (2018), o qual investigou “o que o estudo das estratégias textuais de persuasão tem a nos revelar sobre o funcionamento da argumentação no discurso, em especial, no que diz respeito a temas polêmicos”.

dóxicas, ideológicas (que a LT reconhece como coerções sócio-históricas) e, não é totalmente constrangido, já que opera escolhas que visam influenciar o outro (que na LT, significam mobilizar estratégias para produzir e compreender textos).

Em vista do que foi apresentado, defendemos com Cavalcante *et al.* (2020) a proficuidade da interface teórica e metodológica entre Linguística Textual e Teoria da Argumentação no Discurso, dadas as aproximações possíveis de diferentes naturezas entre as duas abordagens. No decorrer deste trabalho, intentamos reforçar a aplicabilidade desta proposta interdisciplinar, bem como outras pesquisas vêm realizando, neste caso, analisando situações de atualização da modalidade polêmica, evidenciada por processos intertextuais na desqualificação do adversário, particularmente, quando os internautas se valem de expressões depreciativas para atacar a pessoa do outro.

3 A modalidade argumentativa polêmica: principais características

Fundamentados nos trabalhos de Ruth Amossy, consideramos que a polêmica, além de ser um fenômeno discursivo, é também uma modalidade de argumentação. Isso porque, apesar de sua má reputação, ela desempenha certas funções na sociedade, que lhes são conferidas pelos próprios atores sociais que a criticam. Amossy (2017)¹⁷ esboça uma nova reflexão para esse fenômeno, defendendo sua coexistência no dissenso, isto é, um debate que não visa resultar em um acordo como as discussões tradicionais¹⁸ defendem, contudo, segundo a estudiosa, essa característica não implica em sua ineficácia. É justamente este aspecto conflituoso constitutivo que a torna capaz de usufruir regularidades próprias, ocupando um lugar com determinados papéis sociais no espaço democrático.

Como já dito, a polêmica costuma ter uma má reputação, pois se têm o consenso generalizado de que apenas os debates que visam obter um acordo merecem apoio, sendo que qualquer outra manifestação contrária seja um obstáculo a ser ultrapassado, a fim de não ameaçar a harmonia social. Amossy (2017) nos faz entender que simultaneamente a essa ideia, a polêmica, enquanto modalidade argumentativa que ocorre no dissenso, é privilegiada por seus próprios críticos, tendo em vista que, atraídos pelo espetáculo da ridicularização corrente nas interações conflituosas legitimam o espaço da polêmica na sociedade.

¹⁷ O título original da obra é *Apologie de la polémique*.

¹⁸ Amossy cita como exemplo de debate tradicional: audiência judicial, a negociação, a promulgação de leis e etc.

A modalidade polêmica pauta-se essencialmente em três aspectos definitórios, quais sejam, a dicotomização de teses, a polarização social e a desqualificação do adversário e de forma secundária, como nos revela a autora, pela violência verbal e pelo *pathos*. Porém, antes de iniciar essa discussão, é preciso entender que, além de seu caráter dissensual, a polêmica necessita tratar de uma questão de interesse público para que “não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares” (AMOSSY, 2017, p.46). Contudo,

A polêmica pode, evidentemente, se desenvolver sobre a base de um assunto inicialmente privado, um conflito de locação, por exemplo, mas é necessário que esse conflito assuma contornos públicos em causa grandes princípios e os grupos de defensores ligados a eles (identificados a esses princípios). (PLANTIN, 2003, p.397 *apud* AMOSSY, 2017, p.46)

Nesse sentido, cabe diferenciar “questão discursiva polêmica” de “modalidade argumentativa polêmica”. A primeira diz respeito exatamente “a temas sociais que por si só despertam o confronto entre discursos antagônicos, como na polêmica, que, necessariamente, envolve um assunto de interesse público”. (PEREIRA, 2019, p.11). Esta última, por sua vez, surge “a partir de questões sociais controversas já existentes, como o racismo e a igualdade de gênero, e se atualiza, em um dado momento, a partir de novos acontecimentos na sociedade” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.52-53). Assim, entendemos conforme Brito (2018), que o aborto, por exemplo, é uma questão polêmica e que a modalidade polêmica atualiza esses tipos de controvérsias numa espécie de teatralização dos atores sociais, em que Proponente e Oponente se desqualificam mutuamente a fim de persuadir o Terceiro. Por isso, defendemos que é somente na interação que a atualização polêmica acontece.

Ademais, essas afirmações servem para embasar o caráter efêmero da atualização da polêmica¹⁹, o qual do ponto de vista de Amossy está fortemente ancorado na atualidade.

Estreitamente ligada àquilo que preocupa o público num momento preciso, a polêmica é efêmera e, muitas vezes, é tão rapidamente esquecida quanto inflamada na hora em que eclode. É por isso que seu sentido e seus anseios deixam de ser perceptíveis para além de sua duração, assim, como por outro lado, do espaço cultural no qual ela emergiu. Ainda alcançamos a extensão das polêmicas que agitaram o início dos anos 1930 em torno do testemunho da guerra de 1914? Não compreendemos muito mais aquelas que se desenvolvem em outras culturas quando ignoramos suas normas, seus valores e seus problemas sociais. Não podemos apreender a polêmica em torno do serviço militar dos ultraortodoxos que provoca a fúria em Israel sem conhecer a história e a sociedade desse país, nem a polêmica que toca ao ex-presidente Uribe na Colômbia, se ignorarmos a questão do papel dos paramilitares na luta armada contra as Farc. Alguns deduzem daí que o estudo das polêmicas se reduz ao estudo de textos fugazes e rapidamente desatualizados. Para o analista do discurso, assim como para o sociólogo e para o historiador, a polêmica se

¹⁹ Defendemos, “conforme Brito (2018), que o que é efêmero não é a questão polêmica em si, mas sua atualização no espaço público”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.52) Para nós, diz respeito à atualização da polêmica em um contexto histórico e cultural específico “no instante em que os atores sociais ativos perdem o interesse pelo tema polemizado”. (Ibidem, 2020, p.53)

mostra, ao contrário, rica de ensinamentos na medida em que revela muitas coisas sobre a sociedade e a época na qual o discurso polêmico circula no espaço público. (AMOSSY, 2017, p.48-49)

Desse modo, defendemos a relevância do estudo da atualização da modalidade argumentativa polêmica, uma vez que contribui para desvelar acontecimentos importantes da história das sociedades e no caso desta pesquisa e de tantas outras que tomam por base a interface entre TAD e LT, fomentar as orientações argumentativas dos interlocutores através de estratégias de textualização.

Reiterando seus três aspectos definitórios, a polêmica é tida como uma modalidade argumentativa, pois, fundamentalmente, vale-se de um profundo e até mesmo violento choque de opiniões antagônicas que são inconciliáveis, constituindo o que Amossy (2017) postula como “dicotomização de teses”. Nesse ponto, destacamos que não há dicotomias absolutas, sendo que os indivíduos situados em lados opostos (como esquerda/direita, progressismo/conservadorismo e coletivismo/individualismo) podem, em outra situação, unir-se em torno de uma mesma causa (MAIA, 2019).

Retomando, segundo Amossy, e como reafirmam Cavalcante *et al.* (2020), é na gestão verbal do dissenso que se firma a democracia e mantêm-se as sociedades pluralistas. A respeito desse modo de gerenciar as vozes, a autora traça a diferença entre “discurso polêmico” e “interação polêmica”, que a LT compreende, respectivamente, como “texto monogerido” e “texto poligerido” e é com base nessas noções que sustentamos os posicionamentos defendidos neste trabalho. A seguir, Pereira (2019) apresenta uma distinção para as duas expressões, correlacionando-as com os termos assumidos por Amossy:

Nesse ponto vale destacar a distinção entre um texto monogerido e outro poligerido. No primeiro, o locutor tem as “rédeas”, ou seja, o locutor é o único responsável pelo gerenciamento das vozes no texto, remetendo ao interdiscurso – a isso Amossy (2017) denomina como discurso polêmico. Ao passo que no texto poligerido, o gerenciamento de vozes acontece livremente, ninguém tem as “rédeas”, todos se autodirigem, por isso é dialogal. A esse movimento, Amossy (2017) nomeia como interação polêmica (Ibidem, p. 11, grifos da autora).

Para ilustrar brevemente estes dois conceitos, reportar-nos-emos a dois exemplos, respectivamente, um artigo de opinião e um debate televisivo, ambos retirados do livro “Linguística Textual e Argumentação” (2020).

Para exemplificar o texto monogerido, na modalidade polêmica, em que há a confrontação de posições divergentes, Amossy (2017) se reporta a um artigo de opinião publicado em 2009 no semanário francês de esquerda denominado Marianne. A questão polêmica que é atualizada no artigo diz respeito ao porte da burca nos espaços públicos da França. A jornalista que escreve esse texto é a responsável por gerenciar as vozes que se contraditam no texto e por reconstruir nele

um diálogo agonístico a partir de discursos que circulam no espaço público. O texto poligerido, por sua vez, é ilustrado pela autora por meio de um debate televisivo, ainda acerca da questão do uso da burca. O debate põe em confronto face a face um político, Jean-François Copé, e uma jovem francesa mulçumana, que protagonizam os dois lados opostos de uma questão discursiva polêmica. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.48)

Em nosso trabalho, entendemos que as análises sobre as quais nos debruçamos tem relação com o texto poligerido para a LT, pois demonstram casos em que há mais de um participante ativo no gerenciamento das vozes. O texto que gera reações nos comentários é uma charge que está acrescida de uma descrição verbal e estes expressam um certo posicionamento. Em seguida, nos comentários, os internautas atualizam tanto a questão colocada em debate na postagem como também outras polêmicas que circulam na sociedade.

O segundo aspecto definitório da polêmica é a polarização social, que nas palavras de Macedo (2018),

[...] é a divisão estabelecida no plano actancial que opera essa polarização e divide os participantes de uma polêmica em “nós” e “eles”. A polarização é, portanto, um fenômeno social, porque opera o reagrupamento de um público extremamente diversificado em dois grupos mutuamente excludentes, diferentemente da dicotomização, que é um processo discursivo que consiste em radicalizar teses opostas. A polarização não implica a anulação dos particulares dos atores que se unem em torno de uma tese, mas sim, a identificação dos actantes com a tese defendida pelo grupo do qual participam e a repulsão à tese oposta (Ibidem, p.65).

Neste fenômeno de reagrupamento por identificação, têm-se um plano de estrutura actancial ou circuito comunicativo, no qual os atores sociais (pessoas concretas) encarnam determinados papéis sociais (*actantes* sociais) de Proponente, quem defende uma dada tese, Oponente, quem se opõe a tese colocada pelo primeiro e ainda de Terceiro, que apenas acompanha o debate conflituoso. Por isso, na modalidade polêmica que não visa acordo, os adversários buscam fortemente reafirmar seus pontos de vistas a fim de persuadir o Terceiro e assim conquistar adeptos.

Para finalizar essa parte, ressaltamos a importância da polarização social para o aspecto interativo da polêmica que defendemos neste trabalho, isto é, uma espécie de montagem teatral²⁰ que só acontece no diálogo entre textos e onde podem ser percebidos os três traços definitórios da polêmica, quais sejam, a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro. Em síntese,

este nos parece o ponto de encontro da TAD com a LT. Não basta analisar apenas os actantes sociais, reconstruídos pelo analista, que os situam nas representações sociais do plano discursivo. É preciso considerar também os atores sociais, que participam do simulacro das interações concretas. A polarização da modalidade

²⁰ Uma encenação na qual os atores sociais (pessoas concretas) assumem os papéis sociais de Proponente e Oponente que não buscam convencer um ao outro, mas persuadir o Terceiro, aquele que apenas acompanha o confronto, e para isso, usam de desqualificação e muitas vezes violência verbal para atacar o adversário.

polêmica se dá no acontecimento dos textos na interação, a nosso ver - é nesse plano que as questões discursivas polêmicas se atualizam. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.51)

O terceiro traço definatório da polêmica é a desqualificação do adversário, pois para Amossy (2017), esse tipo de argumentação não é um simples gerenciamento de conflitos que se dicotomizam e polarizam, mas é um discurso naturalmente desqualificador (Kerbrat-Orecchioni, 1980 *apud* Amossy, 2017), no qual o Oponente ataca o adversário e usa a favor dessa empreitada todos os procedimentos retóricos e argumentativos possíveis, na tentativa de deslegitimá-lo (Olérobnn, 1995 *apud* Amossy, 2017) e até mesmo silenciá-lo. Em outras palavras,

Essa característica está relacionada à forma como os actantes agem discursivamente para depreciar o outro, de maneira a arrebanhar adeptos. Proponente e Oponente operam como adversários, e ambos atacam não somente a tese do outro, como também se desqualificam mutuamente a fim de refutar e anular os argumentos apresentados. Nessa relação com o outro, há a refutação da tese do adversário como também a desqualificação da pessoa ou do grupo com o qual ela se identifica. De modo mais extremo, há casos em que o outro é demonizado e excluído do debate por ser caracterizado como o mal absoluto. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.51-52)

Nesse sentido, cabe evidenciar a função da violência verbal e de apelo ao *pathos*²¹ na polêmica, não como condição - *sine qua non* -, mas enquanto aspectos que exacerbam o conflito constitutivo dessa modalidade. É na tentativa de desqualificar o outro que o adversário confronta não só razões, como também emoções e formas diversas de violência verbal²² na pretensão última de influenciar o terceiro. (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

A partir disso, reconhecemos que tanto a violência verbal quanto o *pathos* são formas de desqualificar o outro na modalidade polêmica, especialmente, no que tange a um *corpus* das mídias digitais como o Instagram, que é nosso caso, um tipo de interação permeado por particularidades próprias²³ (CAVALCANTE *et al.*, 2020). Contudo, nosso foco é demonstrar a atualização polêmica através da desqualificação da pessoa do outro, sem aprofundar os

²¹ O *pathos* pode ser concebido como uma das três provas retóricas do discurso que se concebe no “caráter moral do orador”. Ao seu lado estão: o *ethos*, referente ao “modo como se dispõe o ouvinte”, e o *logos*, que reside “no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar”. (ARISTÓTELES, 2012, p.13).

²² Cavalcante *et al.* (2020) sintetiza os parâmetros de violência verbal descritos por Amossy (2017): “1. Uma forte pressão ou coerção é exercida para impedir o outro de se exprimir e de expor livremente o seu ponto de vista. [...] 2. O ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado, ou ridicularizado, ou seja, é objeto de um ataque destinado a fazer o outro perder a face e a pô-lo fora de jogo. [...] 3. O polemista ataca a própria pessoa do Oponente. [...] 4. O ponto de vista, entidade ou a pessoa que o encarna são comparados ao Mal absoluto, entregando-o à execração pública. [...] 5. A violência está frequentemente ligada ao *pathos*: o polemista exprime os sentimentos violentos que se inscrevem em marcas lexicais, sintagmáticas ou prosódicas. [...] 6. O polemista usa insultos contra o seu adversário. [...] 7. O polemista incita à violência contra outrem” (AMOSSY, 2017, p. 169-172).

²³ Muniz-Lima (2019 *apud* CAVALCANTE *et al.*, 2020), em seu trabalho sobre os modos de interação digital, entende que a complexidade do ambiente virtual requer considerar as multitemioses (oral, escrito, imagético, gestual e etc).

outros aspectos. Na subseção seguinte, apresentamos algumas definições para o argumento *ad hominem*, apontando a perspectiva na qual nos situamos.

3.1 Breves considerações sobre o Argumento Ad Hominem

O argumento *ad hominem* é uma das diversas estratégias possíveis no rol dos recursos utilizados para desqualificar o adversário numa interação polêmica e apresenta essa denominação por se originar da expressão latina *argumentum ad hominem* que significa “argumento contra a pessoa”. Tradicionalmente, é entendido como uma falácia, pois os adversários desviam o foco das empreitadas consideradas como legítimas num debate, que deve ser o assunto discutido, para criticar ou atacar sua própria pessoa. No entanto, trata-se de um jogo depreciativo em que, como afirma Amossy (2017, p.59), o “descrédito lançado sobre as pessoas anula a força de seus argumentos”, sendo um dos motivos que a torna uma técnica recorrente nos confrontos polêmicos.

De acordo com o Tratado da Argumentação: a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988), o *ad hominem* é tido como

um argumento de coexistência, porque relaciona um atributo com a essência ou um ato com a pessoa. Essência e ato permitem explicar ou prever fatos que os manifestam, dentre os outros tipos de argumentos de coexistência, como o *argumentum tu quoque* (cujo intuito é, grosso modo, rebater críticas com ataque ao oponente); o *argumentum ad verecundiam* (que é o argumento de autoridade); o *argumentum ad ignorantiam* (que acontece quando se apela para ignorância); e o *argumentum a fortiori* (que é justificado pela desculpa de uma causa maior). (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.63)

Em nossa perspectiva, o argumento *ad hominem* que é dirigido aos atores sociais (Proponente e Oponente) visa persuadir um Terceiro (aquele que apenas assiste ao debate sem interferir), pois a polêmica é dissensual e não busca um acordo entre os adversários (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

Ademais, três constatações de Fiorin (2015, p.64) que muito nos interessa concernem a situações distintas em que o argumento *ad hominem* pode ocorrer.

[...] 1. *o ataque pessoal direto*: dirige-se a qualquer aspecto pessoal do argumentador, como o caráter, a competência, a honra, pois o objetivo é atingir a ética do adversário, considerando-o desonesto, não íntegro, não digno de confiança; 2. *o ataque pessoal indireto*: coloca sob suspeita a imparcialidade do argumentador, pois apresenta uma característica do adversário, que, em princípio, não seria negativa, como a referência à sua filiação política, à sua crença religiosa, à etnia etc. O propósito é insinuar que se trata de alguém tendencioso, que defende uma pauta oculta, que tem motivações pessoais que levam a preconceitos ou a uma visão

parcial. Questiona, portanto, a equidade do orador;
3. *a apresentação de contradições entre posições do adversário ou entre suas palavras e suas ações*: consiste em apontar contradições entre a posição atual do adversário e os seus pontos de vista sobre o mesmo tema no passado, ou entre suas palavras e suas ações. (apud CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.64)

Entendemos que os eventos analisados neste trabalho estão relacionados ao ataque pessoal, seja direto ou indireto, dos atores sociais, na medida em que a modalidade polêmica foi atualizada pelos movimentos da dicotomização de teses e polarização social.

Segundo Schopenhauer (2009), o ataque pessoal surge quando o oponente percebe que será vencido, pois seus argumentos são insuficientes para sustentar a razão, então precisará se tornar ofensivo, insultante. No contexto do que o autor chama de *argumentum ad personam*, “abandona-se completamente o objeto e dirige-se o próprio ataque à pessoa do adversário” (Ibidem, p.53).

Assim sendo, assumimos que esses tipos de argumentos são acionados pelo *pathos*, já que fazem remissão às emoções (afetos e desafetos), a fim de construir uma imagem (*ethos*) do adversário que possa desacreditá-lo na cena interativa. Sobre isso, é necessário destacar que

À luz da teoria da “indiscernibilidade”, construir um ponto de vista patêmico implica associar afetos (PLANTIN, 2008), e também desafetos, emoções, sentimentos, paixão, ligados à imagem que o locutor constrói de si na interação (*ethos*), através dos papéis sociais, que podem ser considerados sob dimensões distintas. Para Maingueneau (2020), tais papéis sociais podem estar ligados à interação e ao gênero, como pai de família, funcionário público, médico, professor, solteiro, estudante etc. (dimensão categorial do *ethos*), através das caracterizações sociopsicológicas estereotipadas, como agressividade, lentidão, estupidez, mansidão etc. (dimensão experiencial do *ethos*) e através de posicionamentos, como feminista, esquerdista, homofóbico, fundamentalista etc. (dimensão ideológica do *ethos*). (CAVALCANTE, *et al.*, 2020, p.65)

Compreendemos que essas duas categorias (*pathos* e *ethos*) contribuem para revelar certas características da teatralização dos atores sociais. Contudo, nossa maior intenção é mostrar a atualização da polêmica quando se constroem ofensas a nível pessoal que evidenciam um discurso polêmico advindo de um conjunto de textos (alusão ampla) circulantes no espaço público.

3.2 Atualização polêmica: diferentes possibilidades

Neste subtópico tratamos como a modalidade argumentativa polêmica pode ser atualizada no espaço público por meio de textos. Para isso, tomamos como ponto de partida os

trabalhos de Brito (2018) sobre os diferentes modos de atualização da polêmica, nos quais podemos vislumbrar situações em que esse fenômeno é retomado de maneiras distintas.

Antes de iniciar a explanação a que nos propomos, é necessário ressaltar o pressuposto segundo o qual a atualização polêmica possui um caráter intertextual²⁴ (BRITO, 2018), pois é apenas no diálogo, entre textos diversos, sobre uma dada polêmica que é reconstruída pelos atores sociais, que se pode “compreender o conflito entre discursos opostos que se manifestam em textos concretos” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.130). Em outras palavras,

[...] o diálogo intertextual nos permite visualizar a polarização social que divide a sociedade em grupos opostos. Portanto, a compreensão de uma questão social controversa, na qual a modalidade polêmica se manifesta discursivamente e, sobretudo no nível textual, requer uma reconstrução *a posteriori* para que os textos que manifestem múltiplos e diversificados pontos de vistas sejam figurativizados como Oponentes e Proponentes de uma determinada tese. [...] a intertextualidade surge como estratégia e marca textual constitutiva dos textos que cumprem a função de gerir verbalmente os conflitos polêmicos que atravessam nossa sociedade. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.130)

Desse modo, partindo do pressuposto de que a polêmica só pode ser atualizada nas relações intertextuais, seu primeiro modo de atualização se constitui,

quando o próprio texto de um dado gênero, como a charge, refere-se indiretamente, ou alude, a uma situação, divulgada em textos anteriores, que provavelmente vai disparar reações em outros textos, confirmando a modalidade argumentativa polêmica; vemos isso nos vários comentários dos internautas em que foi criada uma polarização de lados e uma dicotomização de teses radicalmente opostas [...]. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.53)

Para ilustrar essa situação, podemos nos referir às *webnotícias*²⁵ que necessariamente engatilham uma questão controversa polêmica dentre tantas existentes na sociedade, como o aborto, o racismo, o machismo, a política, a homofobia e etc. A partir dessas publicações veiculadas em páginas da web como *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*, surgem reações diversas dos internautas que se posicionam a favor ou contra a tese defendida no post ou ainda resgatando outros acontecimentos polêmicos que ocorreram no passado ou que estão ocorrendo atualmente na sociedade. Entendemos, nesse caso, que a atualização da polêmica ocorre por meio da interação entre a publicação principal e os comentários dos internautas. A

²⁴ Destacamos que a noção de intertextualidade que assumimos difere do princípio bakhtiniano de dialogismo, no sentido de que não é um conceito estendido ao qual se torna um traço constitutivo da linguagem, bem como salienta Faria (2014 *apud* Cavalcante *et al.*, 2020). Nossas análises detêm-se no “fenômeno que permita a identificação da relação entre unidades convencionadas como texto, ou entre padrões de gênero manifestáveis por textos, ou entre estilos autorais apreensíveis nos textos”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.123)

²⁵ Pode ser considerado como um compósito de gêneros constituído por publicações na web, por exemplo, notícias e charges, e por conjuntos de comentários de internautas que aludem ao conteúdo polêmico das postagens ou a outras polêmicas ocorridas na sociedade naquele momento.

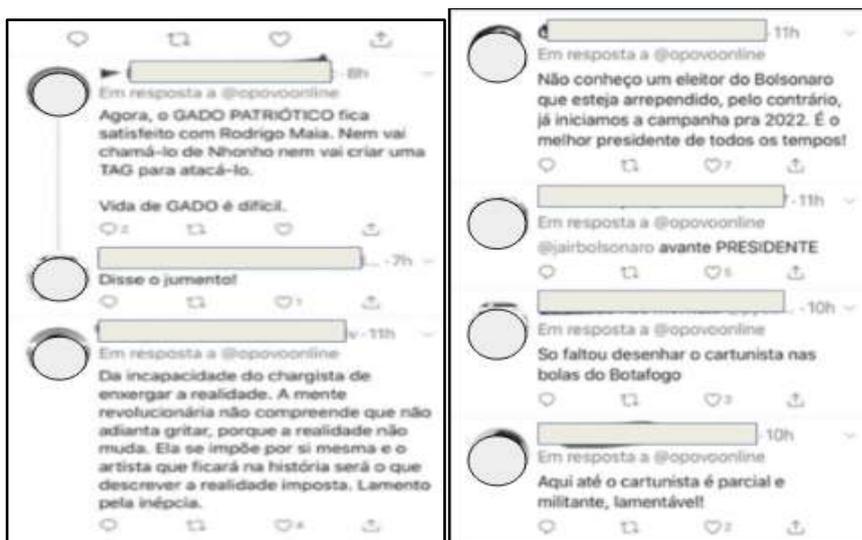
charge abaixo e seus respectivos comentários, retirados da obra “Linguística Textual e Argumentação”, são exemplos desse tipo de situação:

Texto (1): Charge “Peso do Veto”



Fonte: Cavalcante *et al.* (2020)

Texto (2): Comentários surgidos com a charge





Fonte: Cavalcante *et al.* (2020)

A charge alude a uma questão política sobre o veto do presidente Jair Bolsonaro acerca do reajuste salarial dos servidores públicos. Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos deputados e aliado do governo na época, influenciou no impedimento da queda do veto, o que acarretou na ausência de reajuste para os servidores até 2021. Os comentários, por sua vez, foram responsáveis por atualizar um debate entre os polos de extrema direita (apoiadores da presidência) e esquerda (aqueles contrários ao governo).

No tocante ao segundo modo de atualização da modalidade polêmica:

[...] diferentemente do primeiro, em que existe um gatilho para deflagrar o debate acirrado, aqui o texto encadeador da polêmica, uma notícia, por exemplo, não expressa nenhuma questão polêmica discursiva, como a política, a sexualidade, o racismo, a religião etc., ou seja, diferentemente do primeiro modo que apresentamos, em que uma charge política desencadeou a polêmica nos comentários, neste segundo modo, nenhuma questão polêmica é engatilhada, como por exemplo, nas notícias de entretenimento, nas reportagens informativas, nas fofocas etc. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.57)

Um exemplo bastante pertinente desse fenômeno é a seguinte notícia sobre a morte do cantor do Belchior e seus respectivos comentários, ambos retirados de Cavalcante *et al.* (2020).

Texto (3): Notícia

Corpo de Belchior é sepultado em Fortaleza
Milhares de fãs se despediram do cantor e compositor em Fortaleza e Sobral, cidade natal do artista.

Por GI Ceará

02/05/2017 10h22 Atualizado há 3 anos

O corpo do cantor e compositor **Belchior** foi sepultado no cemitério Parque da Paz, em Fortaleza, por volta das 10 horas da manhã desta terça-feira (2). Dois filhos, irmãos, entre outros familiares, participaram da cerimônia, que, inicialmente fechada aos parentes, acabou contando com a presença de alguns fãs.

Fonte: Cavalcante et al (2019, p.9) *apud* Cavalcante et al (2020, p.57)

Texto (4): Comentários em reação à notícia:

- **A. W.:** *Nem sei quem é, prefiro Mc Kevinho, “essa novinha é terrorista, é especialista, olha o que ela faz no baile funk com as amigas” sucesso*
- **M. C.:** *Quem é ou serão os ídolos da nossa juventude? Coitados. Não sabem diferenciar verdadeiros poetas da música com “esses lixos”.*
- **J. S.:** *Coroaram mais um herói fajuta. Típico de um país falido. O Belchior se especializou em dar calotes na praça, estava no anonimato fugindo dos credores e da justiça. Agora virou herói e poeta do que?*
- **P. L.:** *Todo racionalista-humanista talentoso e sensível é de esquerda, como o grande Belchior. Todo brucutu facínora homofóbico machista e tudo mais de ruim é direitista.*
- **S.:** *Vem falar de política aqui? Vai para uma matéria sobre política e aí você faça seus “belos debates e comentários maravilhosos” hehehehehe*
- **D. A.:** *Coitado, não chegou aos pés do sucesso de Anitta, pois era culturalmente pobre e limitado, menti?! Lamentavel...*
- **E. F.:** *Não mentiu.*
- **F. P.:** *Certíssimo Doutor Angelo.... Não chegou aos pés de Michel Teló e Wesley Safadão também....*
- **F.:** *Marcos vc é mais uma viúva..... aqui o choro é livre*
- **F. P.:** *BELCHIOR TINHA POESIA... ANITTA... POUPE-ME!!!!*
- **Pé.:** *o cara morreu pobre, falido, e agora muita gente dando o ultimo adeus, interessante quando vivo, ninguém para ajudar a pagar as contas do artista, claro que amigos mais próximos o ajudavam mas com certeza dá para contar nos dedos esses amigos, vale o adeus para os fans verdadeiros do Belchior...*

Fonte: Cavalcante et al. (2019, p.9) *apud* Cavalcante et al. (2020, p.57)

Vemos que, neste caso, a publicação principal é uma notícia que tão somente informa a morte de um cantor, mas apesar disso a polêmica emerge dos comentários, onde Proponente e Oponente colocam em jogo variadas controvérsias, como novamente a dicotomia extrema

direita e esquerda. Algo bastante interessante, evidenciado por Cavalcante *et al.* (2020, p.60), é que a polêmica discutida, antes de possuir contorno público era “um assunto inicialmente privado”. (PLATIN, 2003, p.387)

É necessário frisar que essa caracterização proposta por Brito (2018) não surgiu como intenção da autora de limitar a atualização polêmica numa classificação dicotômica, mas ao contrário, surge com a pretensão de provocar novas perspectivas.

Diante do que foi apresentado, destacamos que nossas análises incidem sobre textos que igualmente ao primeiro modo de atualização da polêmica, abordam um gatilho para questões controversas e polêmicas em específico, sendo que acontece uma espécie de montagem teatral entre a charge publicada e os comentários surgidos dela. Os atores sociais encontram, mais uma vez, lugar para expressar seus posicionamentos e fomentar a modalidade polêmica, gerenciada no conflito, a favor do espaço democrático de direito.

4 As intertextualidades estritas e amplas

No quadro das estratégias de textualização, consideramos as intertextualidades um fenômeno indispensável às intenções de análise deste trabalho, uma vez que são processos que fomentam a polêmica na sociedade, pois “qualquer texto (inserido em determinado gênero), ao estabelecer uma relação intertextual (estrita ou ampla) com outros textos, vai indiciar certo posicionamento, influenciando o interlocutor na forma de agir ou de pensar” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.10). Assim, para dar conta de nossas pretensões investigativas, utilizamos como base de categoria analítica o trabalho de Carvalho (2018) sobre as Intertextualidades Estritas e Amplas.

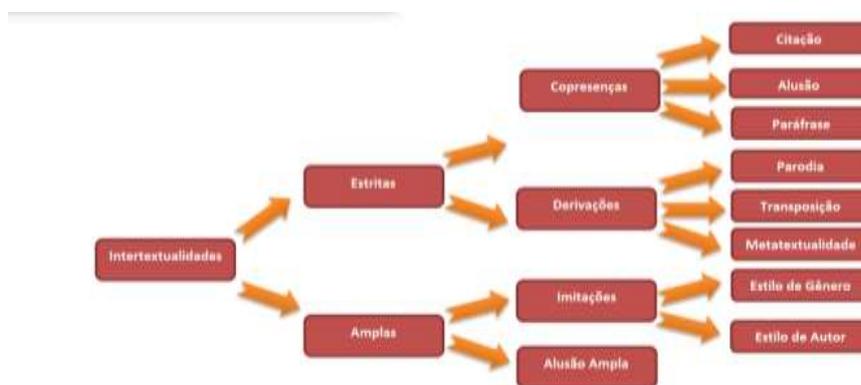
Reconhecemos a intertextualidade como sendo “um fenômeno textual-discursivo pontual, em geral planejado e sempre indiciado a partir do qual se (re) constroem sentidos. Trata-se de um recurso que, embora não essencial, confere criatividade e potencial argumentativo à textualização” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.105).

Tradicionalmente, os diálogos intertextuais são admitidos apenas no plano da recuperação de um texto-fonte específico, entretanto, Carvalho (2018) propõe um alargamento desta noção para considerar também os casos em que ocorre um diálogo entre um texto e um conjunto de textos. A autora propõe uma reflexão sobre as transtextualidades de Gennete ([1982]2010), redistribuindo o fenômeno em duas grandes categorias, intituladas de intertextualidades em sentido amplo e intertextualidades em sentido estrito.

Resumidamente, essa perspectiva defende que o fenômeno intertextual seja constitutivamente subdividido da seguinte maneira:

- i) **estritas**, dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto e
- ii) **amplas**, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjuntos de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos. (CARVALHO, 2018, p.81)

A autora enfatiza que essa distinção não implica que os dois grupos se excluam mutuamente, pois é possível que coexistam numa mesma ocorrência. Abaixo segue o esquema elaborado por Carvalho (2018) em que a autora apresenta uma síntese do reagrupamento dos processos intertextuais **estritos** e **amplios**.



Fonte: Carvalho (2018)

No bojo das intertextualidades estritas de copresenças, existem três maneiras de introdução real de partes de um texto em outro: por citação literal; por paráfrase de conteúdos; por alusão (referência indireta).

- a) **citação** (com ou sem referência): trata-se da forma intertextual prototípica, conforme Genette (2010). É a ocorrência intertextual geralmente mais explícita (marcada por verbo dicendi, dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida) e sempre literal. Cumpre notar, porém, que mesmo sem evidências tipográficas, o recurso não se descaracteriza, pois o que, de fato, o define é o caráter literal da passagem incorporada. [...]
- b) **alusão estrita**: esse tipo de relação se define por insinuações, menções indiretas. Trata-se de “empréstimo, retomada não explícita” (AUTHIER-REVUZ, 2007, p.12). Para a autora, ocorre, pela alusão, um jogo com a possibilidade de fazer ressoar outros dizeres, de fazer suscitar a música de outra voz. Menos marcada e menos literal, exige maior percepção do leitor para que se dê a (re) construção do sentido planejado. Citação e alusão se diferenciam formalmente, uma vez que a primeira se

apresenta como transcrição exata de um texto original. A segunda, por outro lado, pode se realizar por remissão indireta, incorporando-se sutilmente; apresentar modificações formais no texto a que recorre; realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc. Em termos práticos, a alusão favorece modificações formais no texto a que recorre, transformando-o para finalidades diversas, especialmente humorísticas ou crítico-apreciativas (FARIA, 2014). Importa, ainda, acrescentar, que o texto aludido será mais facilmente reconhecido se for mais clássico ou conhecido.

c) **paráfrase:** é a relação definida pela repetição reformulada de um dado fragmento textual sem que se verifiquem desvios de conteúdo - Cumpre notar que a preservação do conteúdo não garante a preservação do(s) sentido(s), considerando que para a (re)construção deste(s), não basta somente o conhecimento linguístico (KOCH; ELIAS, 2006). Embora não apareça na proposta de Genette (2010), claramente circunscrita ao domínio literário, consideramos importante tratar do parafraseamento como subtipo intertextual dada a sua produtividade para textos que ultrapassam os limites literários. [...] Há, nesse processo intertextual, alterações na forma e o esforço para a preservação do conteúdo original. (CARVALHO, 2018, p.85; 86; 90; 91)

Tais definições se apresentam com ênfase no critério formal, pois todos os processos intertextuais citados anteriormente usam a reprodução literal, de maneira menos marcada ou não, de partes do texto-fonte. Ainda que a autora utilize textos imagéticos em seu exemplário, porém, ela não se limita a eles, tendo em vista, por exemplo, o caso da paráfrase, que até o momento não se encontra em ocorrências que atestem a mobilização em textos não verbais.

Partamos para os processos intertextuais que se dão pela relação de transformação ou derivação, os quais, são relativos aos casos em que um texto completo provém de outro texto completo. Foram pleiteados três cenários: a paródia; a transposição; e a metatextualidade. Carvalho (2018) assim os descreve:

a) **Paródia:** trata-se de transformação que opera desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte. [...] convém sumarizar: defendemos que sejam abarcadas sob o rótulo de paródia todas as transformações humorísticas que se distanciem do texto-fonte, desde as mais sutis até as que resultem em rebaixamento do estilo sério do texto original a um estilo mais vulgar ou satírico. Acreditamos que a denominação dessa categoria intertextual já se apresenta cristalizada e se preste bem para comportar as situações descritas.

b) **Transposição:** essa categoria comporta os casos em que se verifica a transformação de um texto específico em outro, sem a presença do traço humorístico. Isso se dá, especialmente, nas situações em que se operam passagens genéricas e suas decorrentes adaptações. [...] Teremos, então, uma transposição quando for operada uma transformação, cujo resultado mantenha proximidade do original e não haja efeito humorístico. Evidentemente, para que essa aproximação seja alcançada, serão mobilizados recursos de copresença, quais sejam, citação, alusão e parafraseamento. Reconhecemos, neste ponto, a possibilidade de que uma transposição seja chamada de paráfrase. Entretanto, reiteramos que, por estarmos pleiteando um inventário de recursos intertextuais que se mostre aplicável também a textos multissemióticos, não nos parece adequado chamar de *paráfrase* a passagem de um texto verbal para uma pintura, por exemplo.

c) **Metatextualidade:** trata-se de uma categoria que se define como a relação de comentário/crítica/avaliação estabelecida entre textos, isto é, um texto inteiro brota de outro com a finalidade de comentá-lo. Cumpre notar que, diferente do que fez Genette (2010), incluímos esse tipo de relação como um subtipo de derivação (hipertextualidade, em termos genettianos). (Ibidem, p.93; 94; 95; 96; 97)

À guisa de conclusão, é interessante explicitar que as relações de derivação se valem sempre das relações de copresença (FARIA, 2014), pois se estabelecem a partir delas. “Assim, para que se construa um metatexto, por exemplo, não será possível prescindir de paráfrases ou alusões”. (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p.108)

Adentrando a categoria das intertextualidades amplas, por sua vez, os eventos intertextuais podem ocorrer em três situações, podendo ser reconhecidos ou não pelo interlocutor: por imitação de estilo de gênero; por imitação de estilo de autor; e por alusão a textos não específicos. Cavalcante *et al.* (2020) faz uma simplificação relevante destes movimentos:

- i. **a imitação de parâmetros de gênero**, verificada sempre que se abstraem o(s) parâmetro(s) que marcam o gênero, de modo a perpetuá-lo;
- ii. **a imitação do estilo de autor**, dada quando traços mínimos e essenciais são abstraídos e repetidos, de maneira que um dado estilo se apresente reconhecível;
- iii. **as alusões amplas a textos não particulares**, que são referências indiretas não a um texto específico, mas a um conjunto de textos, ou a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura, manifestável por textos diversos. (Ibidem, p.108)

Carvalho (2018) pondera que a categoria das intertextualidades amplas, pelo fato de não estabelecer remissão a textos específicos, deixou de ser reconhecida como processo intertextual, por muito tempo, pelos estudos mais clássicos. São comumente tratados somente como casos que recorrem à memória discursiva. (PECHÊUX, 1999)

Adiante, na última etapa deste artigo, demonstramos o funcionamento de dois dos processos intertextuais mencionados nesta seção, quais sejam, a alusão estrita e a alusão ampla, em que buscamos evidenciar a mobilização do argumento *ad hominem*, enquanto recurso de desqualificação do adversário, na atualização de polêmicas no espaço público de comentários referentes a uma charge publicada no *Instagram O Povo On-line*.

5 Do “Gado” eleitoral a “Micheque” Bolsonaro: evidências de atualização polêmica por argumento *ad hominem* e alusão ampla

Sendo a polêmica uma modalidade argumentativa que emerge necessariamente de uma questão de interesse público, optamos por analisar textos publicados no Instagram, pois é uma das muitas plataformas que permite a veiculação de informação e a interação dos usuários de forma instantânea, tornando-se um espaço propício para a manifestação de posicionamentos diversos.

Nesta seção, desenvolvemos a proposta de trabalho que estamos defendendo, com base em um conceito de atualização polêmica intertextual, interativo e efêmero que pode ocorrer, dentre outras formas, a partir da mobilização da desqualificação do adversário. Nosso ponto de partida é uma charge, publicada pelo jornal O Povo *On-line*, no *Instagram*.

Texto (5): Charge “Eu tenho a cura!!!” de Clayton



Fonte: *Instagram* O Povo *On-line*. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CG2BcvLhZPl/>. Acesso em: 02/12/2020

Nesta situação inicial, instaura-se uma polêmica de cunho político, na qual o chargista expressa uma crítica ao atual presidente da República, Jair Bolsonaro, e aos seus aliados e apoiadores, pela apologia ao uso de Cloroquina²⁶ no tratamento precoce de Covid-19. Esse ponto de vista é construído através de alusões estritas e amplas.

Faz-se referência, por alusão estrita, ao famoso personagem de histórias em quadrinhos e desenhos animados, “He Man” (espada, trajes, frase de efeito), que é conhecido por sua emblemática frase: “Eu tenho a força!!!”. A relação estabelecida está justamente no

²⁶ “O Difosfato de cloroquina é um medicamento indicado para o tratamento da malária causada por *Plasmodium vivax*, *Plasmodium malariae* e *Plasmodium ovale*, amebíase hepática, artrite reumatoide, lúpus e doenças que provocam sensibilidade dos olhos à luz. A OMS desaconselha o uso de cloroquina no tratamento da COVID-19, pois a maioria dos estudos demonstra que o medicamento não diminui o tempo de internamento, não reduz a taxa de mortalidade e também não evita o desenvolvimento de uma infecção grave. Além disso, a cloroquina está associada a um aumento de efeitos colaterais, especialmente diarreia e vômitos, que podem resultar em queda da pressão arterial e problemas renais. A cloroquina também tem um potencial tóxico sobre as células cardíacas e, por isso, só deve ser indicada quando os benefícios do seu uso são superiores aos riscos, o que não se observa no casos de infecção por COVID-19”. (<https://www.tuasaude.com/cloroquina/>)

que Bolsonaro vem assumindo como uma possível “cura” para o vírus, mas que, no entanto, é um medicamento com ineficácia comprovada pela comunidade científica.

Notemos ainda, o sentido de ironia mobilizado no texto. “He Man” é um guerreiro forte, saudável e responsável pela sua missão, o que explica seu discurso de poder. Entretanto, a charge nos apresenta Bolsonaro como alguém física e mentalmente debilitado (as rugas, os olhos esbugalhados, os cabelos brancos, a inconsistência muscular nas pernas e a cicatriz no abdômen referente ao ataque que sofreu na campanha eleitoral). Permanece implícito o questionamento pela forma tão segura com a qual se insiste em declarar: “Eu tenho a cura!!!”.

O movimento de alusão ampla, por sua vez, remeteu a um conjunto de textos que circulam na rede sobre o mesmo discurso de Bolsonaro apontado acima, que o apelidou originalmente de "Capitão Cloroquina". Dentre as muitas manifestações irrompidas na internet, sobressai-se o seguinte texto.

Texto (6): Ilustração “Capitão Cloroquina” de Cristiano Siqueira.



Fonte: Site Estado de Minas. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/02/05/interna_politica,1235446/capitao-cloroquina-ilustracao-de-bolsonaro-viraliza-nas-redes.shtml. Acesso em: 12/08/2020.

Neste caso, a construção social realizada associa o presidente ("capitão" faz menção a função que ocupou no exército) à figura de “Superman” (as cores e o estilo dos trajes). O trocadilho com o nome do super-herói infere que o superpoder de Bolsonaro está mais para um problema do que para uma possível solução, já que a Cloroquina era incerta na época e mais recentemente mostrou-se nociva.

sociedade. No rastro dos muitos textos que eclodiram com a expressão, Carlos Bolsonaro, vereador e segundo filho de Jair Bolsonaro, fez um *retweet* (Texto 8) de um post de seu pai, que continha uma lista dos feitos do atual governo, em que apelidou o eleitorado do presidente de “gado”, agradecendo a confiança.

Texto (8): *Retweet* de Carlos Bolsonaro



Fonte: *Twitter* de Carlos Bolsonaro. Disponível em:

<https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1173559370497613825>. Acesso em: 05 de julho de 2021.

No contexto de uma dicotomização política, vários internautas se posicionaram a favor e contra as teses defendidas inicialmente. Agruparam-se, de um lado, os que apoiam Bolsonaro (a extrema direita que é denominada nas redes por um conjunto de expressões: gado, bolsominions, *minions*, *direitopata*, robô), e do outro lado, todos os que se colocam contra o presidente (a esquerda, chamada de: jumento, petralha, petista, lulista, *esquerdopata*, mortadela). É importante destacar que essas expressões, de cunho depreciativo, não traduzem todas as realidades, pois como vimos, as pessoas podem unir-se em torno de uma causa comum, ainda que tenham divergência com outras questões (MAIA, 2019).

Na continuação da interação desembocada pela charge, @gelot_ coloca em xeque a honestidade do presidente Jair Bolsonaro, dizendo o seguinte: [...] *apoio o presidente por ser honesto e não corrupto*. A partir disso, iniciam-se outros debates, em que os internautas

apresentam um conjunto de proposições para derrubar esse argumento. O usuário @bezerra responde: *e a família dele?*. Por sua vez, @cleiton fala: *e o filho? e a micheque? e os 7 milhões?*. Em contrapartida, @gelot dirige-se para @cleiton: *todos são honestos e outra nem investigados estão kkkkkk*. O internauta @cleiton responde: *Flávio não tá?* O interactante @gelot_ fala: *vc está mal informado viu haha*. Por meio de símbolos interativos, outros atores sociais também se posicionam a favor de uma e outra tese.

Encontramos em uma dessas colocações, outra ocorrência da desqualificação do adversário por alusão ampla. Desta vez, um ataque dirigido não à pessoa do oponente, mas que feriu a face de alguém que faz parte do seu grupo político. “Micheque” foi mais uma das expressões criadas no meio digital, porém, para reportar-se a um acontecimento envolvendo Michele Bolsonaro. Trata-se da junção do nome da primeira dama com a palavra “cheque”, referente aos 89 mil reais (em cheques) depositados em sua conta por Fabrício Queiroz e sua esposa, Márcia Aguiar. O termo é bastante tendencioso e insulta a honestidade da esposa de Bolsonaro.

No texto abaixo, temos um exemplo de como se deu a divulgação dessa polêmica.

Texto (9): Meme publicado no *Twitter*.



Fonte: Twitter/ Perfil: Anti-Gado. Disponível em:

<https://twitter.com/gustavoreeke/status/1374039271108182017/photo/1>. Acesso em: 14/08/2021.

O meme é uma cédula, na qual se tem a imagem de Michelle no lugar da figura original. Os 89 mil reais, valor jamais cogitado na realidade, remete a quantia em dinheiro

movimentada. Já a cor e a fruta (laranja) que substituem o animal e a tonalidade padrão representam a ideia compartilhada no espaço público de um indivíduo que intermedeia uma transação financeira, emprestando seus dados bancários, para ocultar a identidade de outra pessoa (Fonte: *Wikipédia*).

Ao estabelecermos uma análise voltada para comentários de um post do *Instagram*, consideramos que as expressões “Gado” e “Micheque”, usadas como insulto, direta ou indiretamente (FIORIN, 2015), ao internauta que manifestou apoio a Bolsonaro, foram responsáveis por disparar e atualizar polêmicas distintas. Os dois fenômenos caracterizam-se pela retomada de um conjunto de textos que se manifestaram por evidências sobre a temática difundida em *posts, charges, memes*, ilustrações e etc. (CARVALHO, 2018).

Dados esses aspectos, podemos inferir que ocorreu uma “montagem teatral da polêmica”, onde os atores sociais nos papéis de Proponente e Oponente tomaram partido em favor de teses antagônicas e usaram todas as estratégias possíveis na tentativa de desqualificar o adversário e influenciar o Terceiro. A polêmica foi devidamente atualizada nesse embate discursivo, mas quando o debate “esfriou”, perdeu seu interesse público e se esvaziou. Sendo assim, reforçamos a interação e a efemeridade como constitutivas da atualização da modalidade argumentativa polêmica.

Reiteramos, por fim, que as polêmicas discutidas nos comentários só puderam ser disparadas pela publicação da charge com gatilho a uma questão controversa, que também surgiu de outros textos polêmicos veiculados anteriormente. Sendo assim, a intertextualidade constitui-se fenômeno inerente à modalidade polêmica e à sua atualização nos espaços públicos (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

Considerações Finais

A partir da realização deste estudo, compreendemos que a desqualificação do adversário, apontada com um dos três traços definitórios da argumentação polêmica (AMOSSY, 2017), em articulação com os processos intertextuais elencados, revelam-se relevantes à atualização polêmica, uma vez que funcionam como estratégia textual-argumentativa. Desempenham não somente a função de reverberar os assuntos debatidos socialmente, como também de defender uma determinada tese através da desqualificação da pessoa do outro, seja a do próprio oponente ou daqueles que se filiam a ele ou às suas ideias.

Demonstramos igualmente que todo texto busca orientar os modos de ver, pensar e sentir de quem exerce o papel de espectador numa situação interativa (AMOSSY, 2017). Todos esses empreendimentos só foram possíveis pela interface teórica e metodológica entre a Teoria da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2017; 2018) e a Linguística Textual, trabalho proposto e executado por Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2020). Cada vez mais, as investigações que vêm assumindo essa abordagem comprovam que são pesquisas frutíferas e agregam novos rumos investigativos.

Independentemente dos resultados alcançados, nosso trabalho se configura em suscetível a aperfeiçoamentos e posterior reelaboração para sanar quaisquer lacunas existentes, sobretudo pelas que não foram delineadas como objetivo da pesquisa. Pretendemos, grosso modo, estender nosso escopo investigativo ao estudo dos aspectos nativo digitas e agregar outros eventos ao fenômeno da atualização polêmica, analisando em que medida esses fatores, alinhados aos pressupostos da Linguística Textual, condicionam a polarização social.

Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação e análise do discurso**: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A**, Ilhéus, n.1, p.129-144, nov.2011.

AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2006.

AUTHIER-REVUZ, J. **Nos riscos da alusão**. Revista Investigações, v. 20, n. 2, 2007.

BARROS, Joyce Maia de. **A intertextualidade como marca constitutiva da modalidade argumentativa polêmica**. 2020. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – língua portuguesa) – Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. **A atualização da polêmica nos comentários de notícias**. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ARGUMENTAÇÃO E POLÊMICA, I., 2018, Natal, RN. CIAP, Auditório Instituto Ágora.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/39589>. Acesso em: 11. fev. 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística Textual e Argumentação**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; GIERING, Maria Eduarda; PINTO, Rosalice. A negociação persuasiva para a análise da argumentação nos discursos. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v.13, n.25, 2019a, p.25-39.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakin Sousa; PINHEIRO, Clemilton Lopes. **O texto e suas propriedades**: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)textos Linguísticos*, v.13, n.25, 2019b, p.99-116.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **ReVEL**, ed. especial, v.14, p.106-124, 2016.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. 2014. 118f. Tese (Doutorado)- Universidade Federal do Ceará - Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8919>. Acesso em: 02. fev.2020.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. La polémique et ses définitions. *In*: GELAS, Nicole; KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (eds.) **Le discours polémique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980, pp.3-40.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MACEDO, Patrícia Sousa de. **Análise da argumentação no discurso**: uma perspectiva textual. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38840>. Acesso em: 02. mar. 2020.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro. **A atualização da polêmica racial nas postagens dos novos espaços digitais de socialização**. 2019. 133p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2078>. Acesso em: 07. maio 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

OLÉRON, Pierre, “Sur l’argumentation polémique”. **Hermés**. Argumentation et Rhétorique II, 16, 1995, pp.15-27.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. **Uma análise textual do pathos em polêmicas**. 144f. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51379>. Acesso em: 09. set. 2020.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa; BRITO, Mariza Angélica de Paiva. Interação polêmica nos comentários da página do Facebook “Quebrando o Tabu”: **Entrepalavras**, Fortaleza, v.10, n.2, e1849, p.1-21, maio/ago., 2020. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1849>. Acesso em: 20. out. 2020.

PINTO, Rosalice. Linguística Textual e Argumentação. *In*: CAPISTRANO Jr., Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. **Linguística Textual: Diálogos Interdisciplinares**. São Paulo: Lavrador, p.263-278, 2017.

PINTO, Rosalice. **Como argumentar e persuadir?** Prática política, jurídica e jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.

PERELMAN, Caim; OLBRECHTS-TYTECA. Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teorias e perspectivas**. São Paulo: Parábola, 2008.

PLANTIN, Christian. Des polémites aux polémiqueurs. *In*: DECLERCQ, Gilles; MURAT, Michel; DANGEL, Jacqueline (ed.) **La parole polemique**. Paris: Champion, 2003. p.377-408.

SHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ter razão: exposta em 38 estrategemas**. Org. e ensaio Franco Volpi. Tradução (alemão) Alexandre Krug, (italiano) Eduardo Brandão 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.